



Era uma vez Ninguém  
e ninguém mais.

Ninguém estava sozinho.

Ninguém não estava só sozinho.  
Ninguém também não tinha  
com o que brincar,  
e nenhum lugar  
para ir.

Uma maravilhosa história de amor  
sobre o começo de tudo.



**hedra**  
educação

101

Bart Mertens Benjamin Leroy

Ninguém e eu

# Ninguém e eu

Tradução • Jorge Sallum

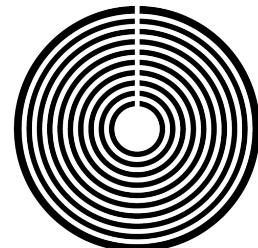
**hedra**  
educação

# O plano da Emília e outros textos

Monteiro Lobato

## Sumário

<b>1</b>	<b>Carta ao professor</b>	<b>1</b>
<b>2</b>	<b>Sobre o livro</b>	<b>2</b>
<b>3</b>	<b>Sobre o autor</b>	<b>3</b>
<b>4</b>	<b>Sobre o gênero</b>	<b>6</b>
<b>5</b>	<b>Atividades</b>	<b>10</b>
5.1	Pré-leitura . . . . .	10
5.2	Leitura . . . . .	11
5.3	Pós-leitura . . . . .	12
<b>6</b>	<b>Sugestões de referências complementares</b>	<b>14</b>
6.1	Audiovisual . . . . .	14
6.2	Sites . . . . .	14
<b>7</b>	<b>Bibliografia comentada</b>	<b>15</b>



**OBRAS**

XXX-XX-XXXXXX-XX-X (ESTUDANTE)  
XXX-XX-XXXXXX-XX-X (PROFESSOR)

**COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Jorge Sallum  
Suzana Salama  
Felipe Musetti

**EDIÇÃO**

Paulo Henrique Pompermaier  
Renier Silva

**ASSISTÊNCIA EDITORIAL**

Ana Lancman

Nathalia Tomaz

**DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO**  
EdLab Press

**LICENÇAS**

CC-BY-NC 3.0 BR

AYLLON EDITORA LTDA.

R. Fradique Coutinho, 1139 (2º)

Andar, Sala 1)

05416-011 São Paulo SP brasil

Telefone/Fax +55 11 3097 8304

ayllon@hedra.com.br

ayllon.com.br

## 1 Carta ao professor

### Carta ao professor

Este material tem a intenção de contribuir para que você desenvolva um trabalho aprofundado com a obra *O plano da Emília e outros textos* em sala de aula. Você encontrará informações sobre o autor, sobre o gênero e também algumas propostas de trabalho para a sala de aula que você poderá explorar livremente, da forma que considerar mais adequada para os seus estudantes.

Fazendeiro, escritor para crianças e adultos, editor, empresário, defensor do petróleo nacional: a intensidade com que Monteiro Lobato experienciou as várias faces de sua vida transparece na vitalidade de seus contos, frutos de sua sensibilidade, observação crítica, conhecimentos literários e trabalho intelectual e artístico.



Nascido José Bento Renato Monteiro Lobato, tal é sua importância para a literatura infantil que o dia de seu nascimento, 18 de abril de 1882, ficou consagrado como Dia Nacional do Livro Infantil. Sua obra foi uma das primeiras no país a se dedicar explicitamente ao universo infantil, criando uma literatura brasileira dedicada às crianças e formando gerações de leitores.

Muitos se formaram em contato com sua obra não apenas através da literatura, mas também da televisão, com a famosa série *Sítio do Picapau amarelo*. O sítio e seus personagens são figuras incontornáveis do universo literário infantil brasileiro, tamanha sua influência que perdura até hoje. Nos 24 textos reunidos em *O plano da Emília e outros textos*, o leitor tem um contato privilegiado com o universo infantil de Lobato. Além de todo mérito literário das histórias, essa seleção percorre praticamente trinta anos de produção do autor, evidenciando os principais motivos, personagens e enredos constitutivos de sua literatura.

Ao longo do manual, todos esses aspectos serão explorados e relacionados a sugestões de atividades. Com isso, objetiva-se oferecer algumas ideias e inspirações para um trabalho que pode ser desenvolvido tanto a curto, quanto a médio e longo prazo. Sinta-se à vontade para personalizar a aula e torná-la sua, aplicando seus conhecimentos, sua personalidade e aproveite para fortalecer seu vínculo com a turma. Boa aula!

## 2 Sobre o livro

A obra *O plano da Emília e outros textos* reúne 24 textos do escritor paulista. Trata-se tanto de contos como de capítulos extraídos de suas principais obras e que funcionam como narrativas independentes. A seleção tenta abranger os trabalhos mais representativos de Lobato, funcionando como uma espécie de introdução à vasta produção literária do autor.

As histórias de *O plano da Emília e outros textos* foram colhidas de dez obras escritas entre 1921 e 1947. São elas:

- *O Saci* (1921);
- *Fábulas* (1922);
- *Reinações de Narizinho* (1931);
- *Viagem ao céu* (1932);
- *Emília no País da Gramática* (1934);
- *O Picapau Amarelo* (1939);



- *O Minotauro* (1939);
- *A reforma da natureza* (1941);
- *Os doze trabalhos de Hércules* (1944);
- *Histórias diversas* (1947).

Com essa seleção, o estudante percorre praticamente trinta anos de produção literária do autor, podendo acompanhar não apenas os enredos deliciosos, mas também a forma como seu estilo evoluiu e como tratou a narrativa infantil de diferentes maneiras ao longo de sua trajetória. Nos textos da década de 1920, por exemplo, percebemos a preocupação do autor em recuperar temas folclóricos brasileiros, como a figura do saci e de outros animais típicos das fábulas. Na década de 1930 percorremos o universo de Narizinho, Emília e de outros personagens eternizados na série televisiva *Sítio do Picapau Amarelo*. Apesar de explorar os temas brasileiros, o autor não deixou de investigar os grandes mitos e narrativas da cultura ocidental, preocupação que pode ser notada em seus trabalhos de finais da década de 1930 e início e 1940, como *O Minotauro* e *Os doze trabalhos de Hércules*. Com esse panorama, o jovem leitor é introduzido no universo literário de Monteiro Lobato e tem a oportunidade de ler e fruir as principais narrativas do escritor nascido em Taubaté.

### 3 Sobre o autor

**O autor** Fazendeiro, escritor para crianças e adultos, editor, empresário, defensor do petróleo nacional: a intensidade com que Monteiro Lobato experienciou as várias faces de sua vida transparece na vitalidade de seus contos, frutos de sua sensibilidade, observação crítica, conhecimentos literários e trabalho intelectual e artístico.

José Bento Renato Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, São Paulo, a 18 de abril de 1882, que ficou consagrado como Dia Nacional do Livro Infantil, e faleceu em São Paulo, a 4 de julho de 1948.



Figura 1: O escritor Monteiro Lobato em foto da década de 1920. (CC BY-NC 2.0)

Escritor de literatura infantojuvenil, contista, jornalista, editor, tradutor, pintor e fotógrafo, aos onze anos mudou seu nome para José Bento, por causa das iniciais gravadas no castão da bengala do pai, J.B.M.L. Apesar de sua inclinação para as artes plásticas, cursou a Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, por imposição do avô, o Visconde de Tremembé. Formado em 1904, voltou a Taubaté, onde foi nomeado promotor público interino, transferido, em 1907, para Areias, São Paulo. Enviou artigos para *A Tribuna*, de Santos, traduções para o jornal *O Estado de S. Paulo* e caricaturas para a revista *Fon-Fon!*, do Rio de Janeiro. Em 1911 herdou, com as duas irmãs, a fazenda do avô. Publicou, em 1914, os artigos “Velha praga” e “Urupês” em *O Estado de S. Paulo*, criando o personagem Jeca Tatu. Em 1917, vendeu a fazenda e se mudou para São Paulo.

Escreveu em *O Estado de S. Paulo* o artigo “A propósito da Exposição de Malfatti” (“Paranoia ou mistificação?”), de crítica contra as vanguardas, abrindo polêmica com os modernistas. Em 1918, estreou com o livro de contos *Urupês*, que esgotou 30 mil exemplares



entre 1918 e 1925, e comprou a *Revista do Brasil*, lançando as bases da indústria editorial no país. *Cidades mortas*, originalmente publicado em 1919, numa edição da *Revista do Brasil*, reúne os primeiros escritos de Lobato, ainda estudante em Taubaté, e contos que escreveu antes de viajar a Nova York para ocupar um posto no Consulado brasileiro.

Criando uma rede de distribuição, com vendedores autônomos e consignatários, revolucionou o mercado livreiro. Em 1920, fundou a editora Monteiro Lobato & Cia, que publicou obras de Lima Barreto, Léo Vaz, Oswald de Andrade, Ribeiro Couto, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, Oliveira Viana e Amadeu Amaral, entre muitos outros. No mesmo ano, lançou *A menina do Narizinho Arrebitado*, primeira da série de histórias com que Lobato criou a literatura brasileira dedicada às crianças, formando gerações de leitores. Em 1924, com capital ampliado e nova denominação, Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, sua editora monta o maior parque gráfico da América Latina. Porém, no ano seguinte, dificuldades financeiras o levam a vender a *Revista do Brasil* e liquidar a editora. Mudou-se para o Rio de Janeiro e fundou a Companhia Editora Nacional.

Adido comercial em Nova York de 1927 até 1930, voltou ao Brasil com ideias para a exploração de ferro e petróleo. Fundou empresas de prospecção, mas, contrariando interesses multinacionais e fazendo oposição, em artigos e entrevistas, ao governo Vargas, foi preso por seis meses em 1941. Recebeu indulto depois de cumprir metade da pena, mas o governo mandou apreender e queimar seus livros infantis.

Em 1944, Lobato recusou indicação para a Academia Brasileira de Letras. Em 1946, tornou-se sócio da editora Brasiliense. Embarcou para a Argentina e fundou em Buenos Aires a Editorial Acteon, retornando no ano seguinte a São Paulo.

Suas principais publicações são:

1. Livros para crianças: *O Saci* (1921); *Fábulas* (1922); *Reinações de Narizinho* (1931); *Viagem ao céu* (1932); *Caçadas de Pedrinho* (1933); *História do Mundo para as Crianças* (1933); *Emília no País da Gramática* (1934); *Aritmética da Emília* (1935); *Memórias da Emília* (1936); *O Poço do Visconde* (1937); *O Picapau Amarelo* (1939); *A Reforma da Natureza* (1941); *A Chave do Tamanho* (1942); *Os doze trabalhos de Hércules*, dois volumes (1944);



2. Livros para adultos: *Urupês* (1918); *Cidades mortas* (1919); *Ideias de Jeca Tatu* (1919); *Negrinha* (1920); *O macaco que se fez homem* (1923); *Mundo da lua* (1923); *O presidente negro/O choque das raças* (1926); *Ferro* (1931); *América* (1932); *O escândalo do petróleo* (1936); *A barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel* (1944).

Lobato traduziu e adaptou diversas obras, entre as quais: *Da história da filosofia*, de Will Durand; *Memórias*, de André Maurois; *Por quem os sinos dobraram*, de Ernest Hemingway; *Crepúsculo dos ídolos e Anticristo*, de Friedrich Nietzsche; *Robinson Crusoé*, de Daniel Defoe; *Mogli, o menino lobo*, de Rudyard Kipling; *Aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain; *Pollyana*, de Eleanor H. Porter; *Moby Dick*, de Herman Melville; *Tarzan*, de Edgar Rice Burroughs.

**A organizadora** Ieda Levensztayn é crítica literária, pesquisadora e ensaísta, preparadora e revisora de livros. Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada e doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Fez dois pós-doutorados: no Instituto de Estudos Brasileiros, IEB-USP, sobre a correspondência de Graciliano Ramos (Fapesp 2010/12034-9); e na Biblioteca Brasiliiana Mindlin / Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, BBM/FFLCH-USP, a respeito da recepção literária de Machado de Assis (CNPq 166032/2015-8). Autora de *Graciliano Ramos e a Novidade: o astrônomo do inferno e os meninos impossíveis* (São Paulo: Hedra, 2010). Organizou, com Thiago Mio Salla, os livros *Cangaços e Conversas*, de Graciliano Ramos, publicados em 2014 pela Record. E, com Hélio Guimarães, os dois volumes de *Escritor por escritor: Machado de Assis segundo seus pares – 1908-1939; 1939-2008* (São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2019). Colabora no caderno “Aliás” de *O Estado de S. Paulo*.

## 4 Sobre o gênero

**O gênero** O gênero deste livro é *conto*.

O conto é, do ângulo dramático, unívoco, unividente. [...] Etimologicamente preso à linguagem teatral, “drama” significava “ação”. E com o tempo passou a designar toda peça destinada à representação. Na época romântica, dado o princípio da fusão de gêneros,



Figura 2: O que define um gênero narrativo é o fato de, não importa qual seja sua forma, contar uma história. (Dorothe/Px Here; Domínio público)

entendia-se por drama o misto de tragédia e comédia. Transferido para a prosa de ficção, o termo “drama” entrou a significar “conflito”, “atrito”. Nesse caso, “ação” “conflito” se tonaram equivalentes, uma vez que toda ação pressupõe conflito, e este, promove a ação, ou por meio dela se manifesta; em suma, ambos se implicam mutuamente.

O conto é, pois, uma narrativa unívoca, univalente: constitui uma *unidade dramática*, uma *célula dramática*, visto gravitar ao redor de um só conflito, um só drama, uma só ação. Caracteriza-se, assim, por conter *unidade de ação*, tomada esta como a sequência de atos praticados pelos protagonistas, ou de acontecimentos de que participam. A ação pode ser externa, quando as personagens se deslocam no espaço e no tempo, e interna, quando o conflito se localiza em sua mente.<sup>1</sup>

Partindo da definição de Massaud Moisés sobre o conto, evidencia-se a principal característica desse gênero literário: a unidade de conflito, condensada em ações que se completam em um único enredo. Ao conto, ainda segundo Moisés, aborrecem as divagações e os excessos, pois há uma concentração de efeitos e pormenores

<sup>1</sup>MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 40.



essenciais, em sua brevidade, para o bom funcionamento do conto. Cada construção, cada palavra nesse gênero tem sua razão de existir, pois integra a economia global da narrativa.

Apesar da brevidade de sua forma, o conto desdobra-se em muitas direções e implicações, e o faz a partir de elementos restritos: a unidade dramática, como já mencionada, assim como a presença de poucas personagens e a limitação espacial e temporal. Um ótimo exemplo é o conto “Missa do galo”, de Machado de Assis, em que o narrador, Nogueira, conta a sua experiência de uma única noite na companhia de sua hospedeira, D. Conceição. Apesar de unidade temporal (a noite que antecede a Missa do galo), espacial (uma sala na casa de D. Conceição) e da redução dramática, basicamente, à interação entre duas personagens, Conceição e Nogueira, esse conto desdobra-se em muitas direções. A companhia de Conceição desperta a sexualidade de Nogueira, e seu impacto é tão profundo que o narrador relembraria aos leitores esse acontecimento de sua juventude. As intenções da anfitriã, narradas e, logo, distorcidas pela memória de Nogueira, também são ambíguas, levantando as mais diversas questões e interpretações.

Como reflete o escritor argentino Julio Cortázar, o conto consegue, de forma muito concisa, despertar “uma realidade infinitamente mais vasta que a do seu mero argumento”, influindo “em nós com uma força que nos faria suspeitar da modéstia do seu conteúdo aparente, da brevidade do seu texto”.<sup>2</sup>

Apesar da aparente banalidade do argumento, o conto abre essa possibilidade de desenvolver o tema em profundidade, em contraposição à aparente concisão narrativa. Realiza plenamente, assim, o que Cortázar define como o gênero do conto:

Um escritor argentino, muito amigo do boxe, dizia-me que nesse combate que se trava entre um texto apaixonante e o leitor, o romance ganha sempre por pontos, enquanto que o conto deve ganhar por *knock-out*. É verdade, na medida em que o romance acumula progressivamente seus efeitos no leitor, enquanto que um bom conto é incisivo, mordente, sem trégua desde as primeiras frases. Não se entenda isto demasiado literalmente, porque o bom contista é um boxeador muito astuto, e muitos dos seus golpes iniciais podem parecer pouco eficazes quando, na realidade, estão mi-

<sup>2</sup>CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008, p. 155.



Figura 3: Capa da primeira edição de *A menina do narizinho arrebitado*, da década de 1920. (CC BY-NC 2.0)

nando já as resistências mais sólidas do adversário. Tomem os senhores qualquer grande conto que seja de sua preferência, e analisem a primeira página. Surpreender-me-ia se encontrassem elementos gratuitos, meramente decorativos. O contista sabe que não pode proceder acumulativamente, que não tem o tempo por aliado; seu único recurso é trabalhar em profundidade, verticalmente, seja para cima ou para baixo do espaço literário.<sup>3</sup>

<sup>3</sup>Ibid., p. 152.



## 5 Atividades

### 5.1 Pré-leitura

**Tema** Pesquisa bibliográfica.

**Conteúdo** Prática de leitura e investigação bibliográfica. Nome do autor, data de nascimento, obra e vida, características da época em que nasceu e as brincadeiras típicas deste tempo.

**Objetivo** Explorar a capacidade investigativa dos alunos e prepará-los para a leitura do livro fazendo com que se aproximem do autor e de sua obra.

**Justificativa** Pesquisar sobre o autor e obra traz uma aproximação das crianças com o contexto de produção do livro, seu autor e as características de seus escritos como o gênero, as personagens, o tempo e o espaço onde se passa, os elementos folclóricos das narrativas etc.

**Metodologia** No primeiro momento o professor deverá indagar os alunos com as seguintes perguntas:

- Alguém conhece Monteiro Lobato?
- Quais histórias ele escreveu?
- Já assistiram ou leram o *Sítio do Picapau Amarelo*?
- Quais brincadeiras vocês reconhecem nessas histórias?

Promova um debate sobre o autor, participe como mediador e facilitador do diálogo.

Na segunda parte da atividade, monte com os alunos uma série de questionamentos sobre a vida e obra do autor. Cada aluno terá seus próprios materiais para escrever as perguntas, o educador pode ditar ou escrever no quadro.

Crie eixos de perguntas e explique aos alunos o objetivo de cada eixo. Por exemplo, um dos eixos pode ser sobre a vida do autor:

- Estado onde nasceu;
- Profissões que exerceu;
- Data de nascimento;



- Características socioculturais da época.

Faça o mesmo com os outros eixos, busque esmiuçar as possibilidades de perguntas dentro dos eixos, peça a participação dos alunos na construção do questionário. O número de perguntas deve ser definido pelo professor, de acordo com as possibilidades de tempo e recursos tecnológicos.

Depois de terminar o questionário, os alunos poderão realizar a pesquisa em casa ou na escola, sendo preferencial no ambiente escolar. Caso seja feito em casa, oriente os pais sobre os objetivos da tarefa e como a criança deverá executá-la. Além disso, é preciso demonstrar aos alunos fontes seguras para realizar a pesquisa, assim como orientar os pais sobre este protocolo.



**Figura 4:** Ilustração da primeira edição de *A menina do narizinho arrebitado*. Evidencia o caráter fabular das narrativas. (CC BY-NC 2.0)

**Tempo estimado** Duas aulas de 50 minutos.

## 5.2 Leitura

**BNCC**

**1**

**Língua Portuguesa**

**EF05LP04**

Diferenciar, na leitura de textos, vírgula, ponto e vírgula, dois-pontos e reconhecer, na leitura de textos, o efeito de sentido que decorre do uso de reticências, aspas, parênteses.

**Tema** Leitura dialogada e análise do enredo.

**Conteúdo** Contos do livro de Monteiro Lobato; identificação de aspectos constitutivos dos textos: diálogos, enredo, espaço/tempo onde a história se passa, o gênero e acentuação gráfica.

**Objetivo** Promover a leitura dialogada, o conhecimento de aspectos literários e de língua portuguesa.

**Justificativa** Através da análise do texto e da leitura dialogada, os alunos terão a possibilidade de aprender em conjunto aspectos gramaticais e de interpretação de texto.

**Metodologia** Após a realização da pesquisa de pré-leitura, os alunos já terão muito mais proximidade com o autor. Pergunte como foi a experiência de realizar a pesquisa e quais aspectos eles consideraram mais importantes.



Depois da conversa distribua os livros e descreva como a atividade será realizada. Os alunos deverão ler partes dos contos como se estivessem passando uma leitura no teatro, cinema ou TV.

Estabeleça quem será o narrador e quem serão as personagens em cada rodada de leitura. Estimule os alunos a entrar nas personagens colocando entonação e intenção em suas falas. Planeje antecipadamente a ordem dos leitores para a leitura ter fluidez. Faça pausas nos diálogos para associar e evidenciar características das narrativas, tais como:

1. A introdução das personagens;
2. Tempo/espaço narrativo;
3. O motor do enredo;
4. O desfecho da narrativa;
5. A moral da história;

É importante sempre dar espaço e abertura para que, além de identificar os elementos do enredo, os alunos possam emitir opiniões e juízos sobre os contos lidos: as personagens que mais gostaram, as histórias mais divertidas, algum elemento particular que chamou a atenção deles. Também podem ser exploradas as características gramaticais do texto, associando-as com outros conteúdos programáticos do ano.

Todos os alunos devem participar da leitura, obedecendo a estrutura: narrador e personagens. O livro deve ser lido de maneira integral, dessa forma as leituras poderão ter continuação em várias aulas seguintes, obedecendo o mesmo método e técnica. Todos devem participar da leitura dramática do livro.

**Tempo estimado** Três aulas de 50 minutos.

### 5.3 Pós-leitura

**Tema** Debate sobre a pesquisa bibliográfica e produção de um conto.

**Conteúdo** Produção textual do gênero conto e reflexão sobre aspectos bibliográficos do autor.

**Objetivo** Estimular a produção textual e o diálogo crítico sobre a pesquisa e o conteúdo dos contos.



**Figura 5:** Os alunos deverão se atentar para as características da personalidade da personagem. (CC BY-NC 2.0)

**Justificativa** A produção textual e o diálogo sobre as atividades produzidas a partir do contato com o livro possibilitam ao aluno não só o papel de leitor e receptor de conteúdo, mas também de participante ativo na produção de seu próprio conhecimento. Tal postura privilegia a identificação com o autor e obra, tornando o contato com a literatura mais significativo e próximo da realidade do aluno.

**Metodologia** Quando a leitura dos contos terminar, o professor retomará o conteúdo da atividade de pré-leitura, a pesquisa bibliográfica. Os alunos formarão grupos de até quatro pessoas para discutir aspectos de suas pesquisas, apontar diferenças e semelhanças de escrita, de conteúdo e as dificuldades da investigação.

Após a reunião, os alunos produzirão uma carta de apresentação e recomendação de Monteiro Lobato com o seguinte tema: “Por que você vai gostar das histórias de Monteiro Lobato?”. Cada grupo criará sua carta e, na sequência, os grupos trocarão as cartas entre si.

Outro desdobramento interessante para a atividade é selecionar, com os alunos, os personagens que consideraram mais significativos nos contos. Depois dessa etapa, reúna os nomes e realize um sorteio, no qual cada aluno sorteie um personagem, como Emilia, Tia Anastácia, Dona Benta, Rabicó, Rã, Pedrinho etc.

Quando o sorteio terminar, explique a dinâmica da atividade: os alunos deverão se atentar para as características da personalidade da personagem: Tia Anástacia é cozinheira, vive no sítio com Dona Benta; tio Barnabé é muito legal e divertido, e por aí vai. Cada um



deverá estudar o personagem que sorteou e produzir um pequeno conto com uma história original que pode ser ambientada em qualquer lugar que o aluno quiser e envolver personagens que não necessariamente estão no livro de Monteiro, desde que consigam, de alguma forma, incluir o personagem que sortearam e estudaram na sua própria narrativa. Explique os aspectos do gênero conto e auxilie os alunos na produção do texto.

**Tempo estimado** Duas aulas de 50 minutos.

## 6 Sugestões de referências complementares

### 6.1 Audiovisual

- *O comprador de fazendas*, filme adaptado do conto de Monteiro Lobato, do volume *Urupês* (1918). Direção de Alberto Pieralisi. São Paulo, Companhia Cinematográfica Maristela, 1950. Comédia, P&B.

O filme, disponível no [Youtube](#)<sup>4</sup>, narra a história de um fazendeiro arruinado do Vale do Paraíba, em São Paulo, que decidindo vender sua propriedade, coloca um anúncio no jornal. Com a chegada do possível comprador, arregimenta-se uma série de eventos para alçar a fazenda.

### 6.2 Sites

- Dicionário Aulete digital

[Dicionário Aulete da língua portuguesa](#)<sup>5</sup> para consultar termos e palavras usados na literatura de outras épocas.

- Site oficial de Monteiro Lobato

O site [Lobato com você](#)<sup>6</sup>, em formato de blog, apresenta a vida e obra do autor Monteiro Lobato reunindo matérias de jornais e entrevistas com outros escritores e aficionados por sua obra.

<sup>4</sup>[https://www.youtube.com/watch?v=LcdfdfD9\\_Bs](https://www.youtube.com/watch?v=LcdfdfD9_Bs)  
Acessado em 21/11/2021.

<sup>5</sup><http://www.aulete.com.br/> Acessado em 21/11/2021.  
<sup>6</sup><https://lobato.com.vc/> Acessado em 21/11/2021.



## 7 Bibliografia comentada

- ANDRADE, Mário de. “Contos e contistas” [1938]. In: *O empalhador de passarinho*. 3. ed. São Paulo; Brasília: Martins; INL, 1972, pp. 5-8.

Motivado por uma pesquisa da *Revista Acadêmica* em busca dos dez melhores contos brasileiros, o artigo reflete sobre esse gênero literário.

- CARPEAUX, Otto Maria. “Obras-primas desconhecidas do conto brasileiro”, *A Manhã*, “Letras e Artes”, Rio de Janeiro, 10 abr. 1949; *Folha da Manhã*, Quarto Caderno, São Paulo, 15 maio 1949, pp. 14-5. In: RAMOS, Graciliano. *Conversas*. Organização de Thiago Mio Salla e Ieda Lebentsztayn. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 207-213.

A conversa entre o crítico e o escritor convida os leitores a conhecerem não só diversos contistas, como também critérios de construção artística para avaliar os textos preferidos.

- LOBATO, Monteiro & RANGEL, Godofredo. *A barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária*. São Paulo: Brasiliense, 1968.

O livro apresenta os largos anos de correspondência ativa de Monteiro Lobato com Godofredo Rangel, percorrendo o período da República Velha até o governo Dutra.

- PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Tradução de Jasna Paravich Sarhan. Organização e prefácio de Boris Schnaiderman. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

Propp se dedica à descrição de contos populares russos, formados por esquemas narrativos constantes, em busca de conhecer sua estrutura e de definir o conto maravilhoso.